

Edifício do Pavilhão de Óbitos do Recife:

Uma Experiência de Restauro de Arquitetura Moderna

Paulo Raposo Andrade (pauloraposoarq@uol.com.br)

Departamento de Arquitetura e Urbanismo – UFPE

Andréa Nascimento Dornelas Câmara (andrea@unicap.br)

Departamento de Engenharia e Arquitetura – UNICAP

Luciano L. Medina (ll.medina@bol.com.br)

Departamento de Arquitetura e Urbanismo – UFPE

Resumo

O trabalho aqui resumido registra a experiência de restauro de obra pioneira da arquitetura moderna brasileira: o edifício do antigo 'Pavilhão de Verificação de Óbitos do Recife', projetado em 1937 por Luiz Nunes, Fernando Saturnino de Brito e a equipe da chamada 'Diretoria de Arquitetura e Urbanismo'. Em 2002 o edifício encontrava-se em avançado estado de deterioração. Nesse momento, por iniciativa do 'Instituto de Arquitetos do Brasil seção Pernambuco', foi desenvolvida pesquisa e elaborado o projeto que fundamentou a primeira restauração extensiva do Pavilhão. O que constituiu considerável desafio, inclusive pelo estado de deterioração da obra e pela impossibilidade de localização das pranchas de desenhos do projeto original. Para realização do restauro, foi realizado minucioso trabalho prospectivo da edificação. Dos trabalhos de prospecção, levantamento e pesquisa, resultaram descobertas e conclusões que levam a uma melhor compreensão da arquitetura da obra em questão.

Palavras-chave: arquitetura moderna, arquitetura moderna no Brasil, arquitetura moderna em Pernambuco, restauração, conservação, Luiz Nunes, Le Corbusier.

Abstract

This paper is about the restoration experience of a master piece of Brazilian modern architecture: The Anatomical Laboratory at Recife, designed in 1937 by Luis Nunes, Fernando Saturnino de Brito and the group of the so called 'Diretoria de Arquitetura e Urbanismo'. At 2002, as the building was severely deteriorated, the 'Institute of Brazilian Architects in Pernambuco' carried out the research which resulted in a design proposal for the first extensive restoration of the building. The restoration turned out to be a challenge, not only by the poor condition of the building itself, but also due to the lack of the original documentation of the project design. The research and prospective works done in the building before and during the restauration process, resulted in discoveries and conclusions which lead to a better understanding of the architectural work in question.

Key words: modern architecture, modern architecture in Brazil, modern architecture in Pernambuco, restoration, conservation, Luiz Nunes, Le Corbusier.

O presente trabalho registra a experiência de restauro de obra pioneira da arquitetura moderna brasileira: o edifício do antigo 'Pavilhão de Verificação de Óbitos do Recife', projetado em 1937 por Luiz Nunes,

Fernando Saturnino de Brito e a equipe da chamada 'Diretoria de Arquitetura e Urbanismo' do estado de Pernambuco.

Como se sabe, no período entre 1934 e 1937, esse grupo (que contava também com profissionais como Joaquim Cardozo, Roberto Burle Marx, Antonio Bezerra Baltar e Ayrton Carvalho) realizou um conjunto de obras que constitui capítulo importante da arquitetura brasileira; não só pela concretização pioneira entre nós dos princípios arquitetônicos do Movimento Moderno, mas também pela adaptação desses princípios às condições peculiares do nosso clima e paisagem.

No conjunto de realizações do grupo de Nunes destaca-se o edifício do antigo 'Pavilhão de Óbitos'; obra cujo valor extraordinário é reconhecido pela historiografia desde os anos 40, quando integrou a célebre exposição 'Brazil Builds' promovida pelo 'MoMA' de Nova York.

Em 2002, passados 65 anos de sua construção, o edifício encontrava-se em avançado estado de deterioração. Nesse momento, por iniciativa do 'Instituto de Arquitetos do Brasil seção Pernambuco', foi desenvolvida pesquisa e elaborado o projeto que fundamentou a primeira restauração extensiva do Pavilhão.¹ O que constituiu considerável desafio, inclusive pelo estado de deterioração da obra, e pela impossibilidade de localização dos desenhos do projeto original (Acredita-se que possam ter sido perdidos em 1942, quando da preparação de material para a exposição 'Brazil Builds').

Para realização do restauro, foi realizado minucioso trabalho de pesquisa e prospecção da edificação. Os resultados desse trabalho contribuíram para o esclarecimento dos princípios e idéias que fundamentaram a concepção da obra. Na falta dos desenhos originais, isso possibilitou que o restauro fosse fiel não apenas à materialidade da construção existente mas sobretudo às idéias e princípios que orientaram o grupo liderado por Nunes.

De todo o trabalho resultaram algumas descobertas e conclusões surpreendentes, revelando questões que ainda não haviam sido apontadas em pesquisas anteriores e que levam a uma compreensão mais completa da obra em questão.

A Experiência de Restauro

Com objetivo de avaliar em que medida a condição do edifício no momento anterior ao restauro corresponderia à solução projetada e à solução realizada em 1937, foi realizada pesquisa da iconografia disponível sobre a obra. Também para registrar com precisão a condição da obra no momento anterior ao restauro, foi realizado levantamento fotográfico e elaborada uma 'planta de danos' detalhada, documentando as patologias construtivas existentes.

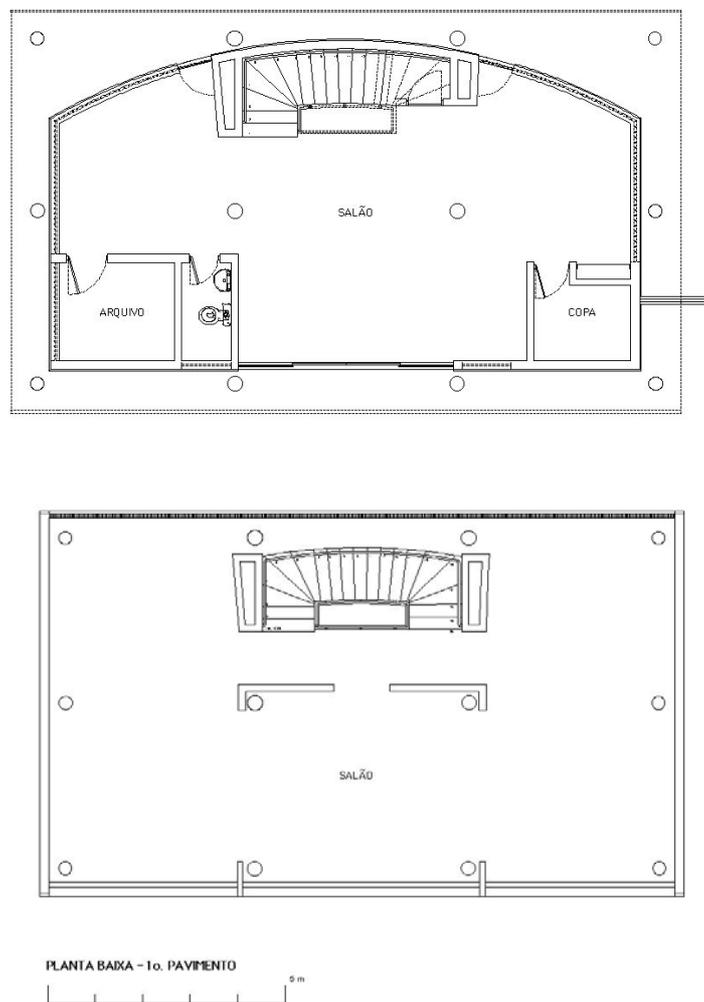
Na falta dos desenhos constituintes do projeto original, os resultados dos trabalhos de pesquisa, levantamento e prospecção permitiram verificar alterações realizadas na obra ao longo do tempo.

Os trabalhos de prospecção estratigráfica, por exemplo, revelaram a sucessão de cores e pinturas empregadas no edifício desde a construção. O que permitiu, no restauro, resgatar o cromatismo original da obra tal como realizada em 1937.

A partir das informações resultantes da pesquisa e levantamento foram realizadas as obras que constituíram-se dos seguintes serviços reparadores: recuperação de pilares, vigas e lajes de concreto

armado que apresentavam oxidação de ferragens e desagregação de argamassa; substituição das superfícies de rebôcos exteriores e interiores que encontravam-se em processo de desagregação; revisão e recuperação da instalação hidrosanitária e elétrica existente, inclusive a retirada de tubulações e fiações não integrantes da edificação original; recuperação e instalação de luminárias e lâmpadas; substituição da impermeabilização da laje do terraço-jardim, que encontrava-se imprestável; reparo e pintura das esquadrias metálicas nos três pavimentos, com substituição de perfis irrecuperáveis; substituição de vidros das esquadrias; e finalmente a recuperação completa das superfícies de pisos nos três pavimentos, inclusive com substituição dos ladrilhos hidráulicos danificados no piso do pavimento térreo.

Foi realizada também a reconstituição do Sanitário original do 3º pavimento, com demolição do piso elevado construído em reforma na década dos 80.



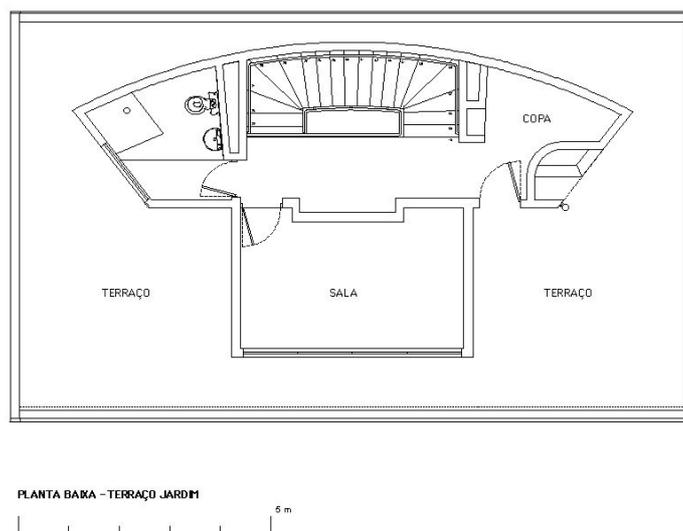


FIGURA 1: Plantas do Pavimento térreo, 2º Pavimento e Teto Jardim do Pavilhão.

A acomodação dos novos usos previstos para a Pavilhão fazia necessária a instalação de aparelhos condicionadores de ar do tipo “split”, cujo funcionamento tornava imprescindível a vedação da parede de blocos vazados (‘cobogós’). Isso foi solucionado com a instalação de persiana têxtil retrátil, enrolada e acomodada em nicho criado no novo forro. Com os condicionadores de ar desligados é possível resgatar a condição original do espaço do Salão no 2º Pavimento, mantendo a ventilação natural permanente através dos ‘cobogós’. Só enquanto os condicionadores estiverem em funcionamento a persiana é desenrolada e presa no piso, constituindo um dispositivo de vedação temporária que permite o perfeito funcionamento do sistema de ar condicionado. Desse modo foram conciliadas as novas necessidades funcionais previstas e ao mesmo tempo preservada uma característica importante da arquitetura do Pavilhão, constituída na de adaptação ao clima local através do uso engenhoso do ‘cobogó’.

O pátio externo posterior ao edifício foi qualificado pela pavimentação com lajotas cerâmicas e elementos vazados de concreto pré-moldados —o chamado ‘cobograma’—, que permitiram a criação de áreas gramadas transitáveis. Desse modo, buscou-se a valorização da fachada poente do Pavilhão, com a criação de espaço externo utilizável e visualmente integrado ao rio Capibaribe que constitui importante elemento da paisagem do local.

Num restauro de obra de arquitetura moderna como o Pavilhão, por vezes condicionantes técnicos levam à necessidade de optar entre a fidelidade à materialidade da construção existente, ou, a fidelidade às idéias e princípios que fundamentaram a concepção do projeto.

No caso em questão, por exemplo, frente à necessidade de recompor o forro de estuque no 2º pavimento (que encontrava-se arruinado sem possibilidade de reparo) deixou-se de lado qualquer preciosismo material e, ao invés de uma reconstrução (difícil e onerosa) com o material original já fora de uso, foi feita a substituição por um forro de gesso com acabamento em pintura —uma solução econômica que manteve inalteradas as características de forma, cor e textura da solução original. Assim, ao invés da fidelidade absoluta ao material, foi feita opção pela solução mais simples e econômica disponível hoje —o que pareceu em acordo com o espírito de simplicidade e economia que orientava o grupo de Nunes.

Por outro lado, no caso das venezianas retráteis que sombreavam a janela em largura da fachada leste, a opção foi pela reprodução da solução original, adotando inclusive o mesmo material —a madeira— evitando alteração das características de forma, cor e textura. Embora no momento do restauro não mais existissem as persianas originais, foi possível recompor o seu desenho a partir de fragmentos ainda existentes dentro do nicho embutido no forro, que acomodava as persianas quando recolhidas por enrolamento.

A definição das cores para pintura de paredes internas e externas foi realizada com base na prospecção estatigráfica que trouxe descobertas surpreendentes: embora existam indícios de que originalmente os exteriores do Pavilhão fossem pintados de branco, descobriu-se que internamente as paredes eram originalmente coloridas em tonalidades suaves de azul e verde. O que sugere possíveis relações entre o Pavilhão e certas obras da fase purista de Le Corbusier. Outra descoberta resultante da prospecção estatigráfica foi a de que as colunas cilíndricas que constituem a estrutura independente do Pavilhão eram originalmente pintadas numa tonalidade escura de vermelho. O que de novo, sugere relações com a arquitetura modernista europeia do início do século, particularmente com a arquitetura de Le Corbusier: não só pelo emprego de cores intensas, mas também pela diferenciação —marcada também através da cor— entre elementos estruturais e elementos de vedação, segundo os princípios do *plano livre* e *estrutura independente*.

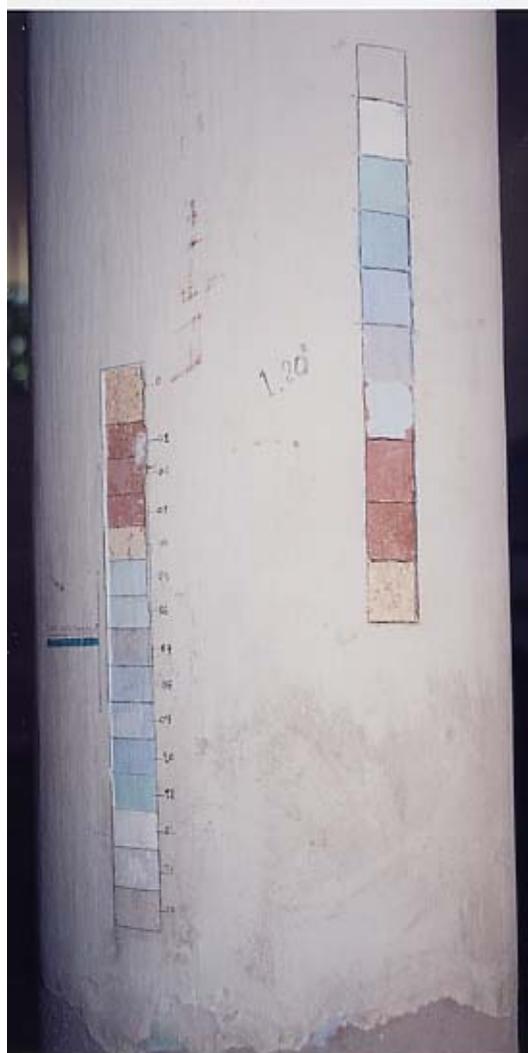


FIGURA 2: Pesquisa estratigráfica mostrando coloração original das colunas.

Modernismo e Ruptura no Pavilhão de Verificação de Óbitos

Até agora, têm sido mais frequentes as interpretações que enfatizam os valores de inovação, ruptura e racionalidade técnica que a obra do grupo de Nunes incorpora do ideário modernista. Nessas interpretações são destacadas as influências das obras de pioneiros europeus tais como Gropius, Mies, Lurçat e, sobretudo, Le Corbusier.

De fato, é evidente a influência desses pioneiros do Movimento Moderno sobre a obra do grupo de Nunes. Mais evidentes são as relações com a obra de Le Corbusier. No Pavilhão estão concretizados todos os chamados '*cinco pontos da nova arquitetura*': [1] o Pilotis; [2] a 'Planta Livre' (realizada pela distinção entre colunas estruturais e paredes de vedação); [3] a 'Fachada Livre' (expressão vertical da Planta Livre); [4] a 'Janela em Largura'; e [5] o 'Teto Jardim'.

Também são claras na arquitetura do grupo de Nunes as intenções de racionalidade, funcionalidade e eficiência técnica, assim como a ênfase na dimensão social da arquitetura, idéias e atitudes evidentemente derivadas do ideário modernista europeu.

Com o trabalho de prospecção do edifício do Pavilhão, para fundamentar o restauro, essas características foram reconhecidas, mas também permitiu-se que outras, mais sutis, fossem evidenciadas:

[1] A constatação de que foram adotados *traçados reguladores* que definem a modulação estrutural do edifício segundo o esquema 'A/B/A', refletindo princípios característicos da arquitetura clássica e incorporados à arquitetura moderna por arquitetos como Le Corbusier.

[2] A constatação de variação dos diâmetros das colunas do edifício em função das suas áreas de carregamento, e também a variação das secções das vigas demonstrando que o chamado '*princípio da verdade estrutural*' era adotado na arquitetura do grupo (possivelmente por influência de Joaquim Cardozo).

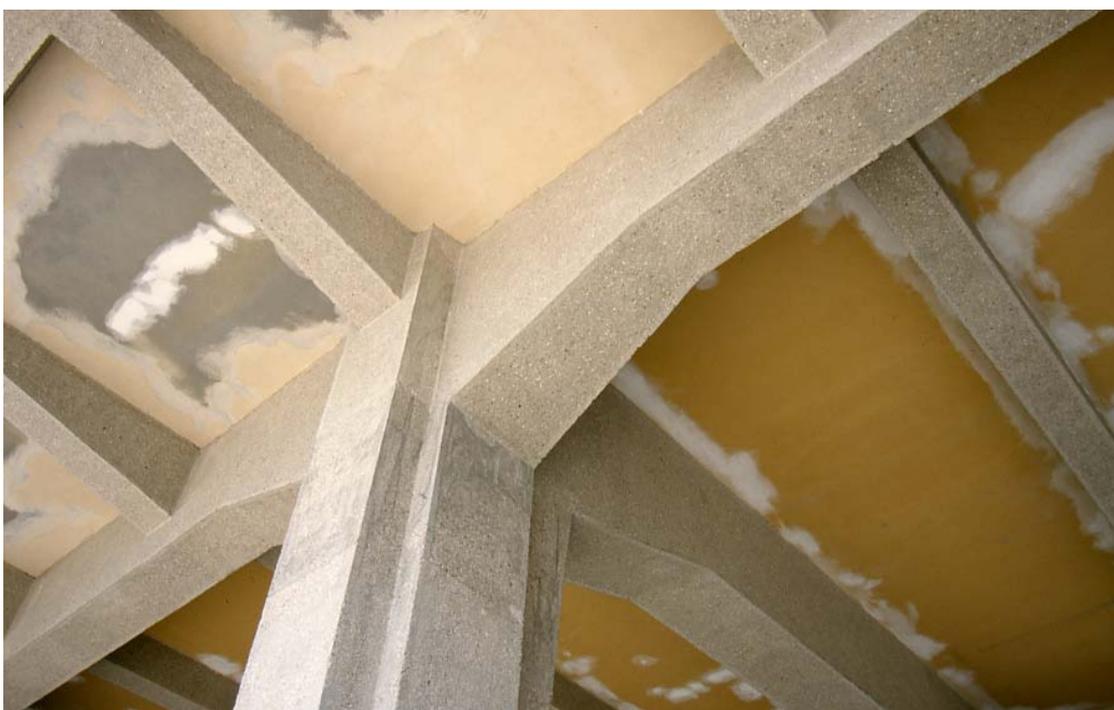




FIGURA 3: edifício da Bauhaus (Dessau) e o Pavilhão de Óbitos, Recife (fotos dos autores)

[3] A descoberta dos acabamentos cromáticos originais do interior do edifício, com pinturas em uma variedade de cores que sugere relações com obras da fase 'purista' de Le Corbusier (também caracterizadas por variada riqueza cromática interior, em contraste com o monocromatismo exterior).

Entretanto, a supervalorização exclusiva dos aspectos de inovação e ruptura (características inerentes ao Movimento Moderno), na obra do grupo de Nunes, têm feito com que as interpretações feitas até aqui limitem-se quase que exclusivamente a estabelecer relações formais diretas com uma obra de Le Corbusier de 1929 : a Casa Savoie em Poissy, na França.

É verdade que, em ambos os edifícios base e coroamento estão recuados em relação a um volume intermediário retangular, resultando na exposição das colunas cilíndricas da estrutura independente no térreo. Em ambas as obras as curvaturas dos volumes que constituem a base e o coroamento (no Teto-Jardim) contrastam com a ortogonalidade do prisma regular intermediário, por sua vez fenestrado horizontalmente por uma 'janela em largura'. Finalmente em ambos os edifícios a fachada da entrada principal é marcada por uma composição de simetria axial que regula a toda a obra.

Todavia, quando consideramos a questão fundamental da frontalidade na arquitetura do Pavilhão, fica claro que a comparação do Pavilhão com a Vila Savoie é em grande medida superficial, baseada sobretudo na aparência das fachadas de entrada dos dois edifícios e desconsiderando aspectos essenciais da arquitetura das duas obras, tal como a composição axial da planta, de natureza diferente para cada um dos edifícios.

Indo além da aparência superficial da obra e considerando a questão fundamental da frontalidade na arquitetura do Pavilhão, é provavelmente mais adequada a sua comparação com a Vila Stein em Garches, mais do que com a Vila Savoie.



FIGURA 4: Vila Savoye, Vila Stein e Edifício do Pavilhão.

Modernismo e Tradição no Pavilhão de Verificação de Óbitos

Philip Goodwin, na publicação 'Brazil Builds', aponta a questão da influência das tradições arquitetônicas pré-modernistas na arquitetura do Pavilhão, fazendo relação entre as obras modernas selecionadas e a antiga arquitetura colonial realizada no Brasil desde o século XVII. A esse respeito o próprio subtítulo da publicação é sugestivo: *Brazil Builds –Architecture New and Old 1652-1942*.

Além de Goodwin, apenas Antonio Pedro de Alcântara explora também a questão da influência das tradições arquitetônicas pré-modernistas na obra do grupo de Nunes:

“Procurando modernizar, sem negar a realidade social viva, integrados nela, eles inovaram a tecnologia local e revalorizaram as técnicas tradicionais ali utilizadas [...] Com isso produziram, inconscientemente, uma arquitetura que apresenta surpreendentes pontos de contato com a arquitetura colonial produzida na região do nordeste brasileiro (...) Uma análise apressada das edificações construídas pela DAC-DAU nos levaria a identificar apenas as ligações formais das mesmas com a produção arquitetônica européia de fim da década de 20, principalmente com obras de Le Corbusier, Gropius, Perret, Lurçat [...]. No entanto, aprofundando essa análise vamos encontrar ligações formais bem mais remotas”.

Alcântara refere-se às ligações com a arquitetura colonial de tradição ibérica/portuguesa realizada no nordeste nos séculos XVII e XVIII. Embora produzidas em épocas tão diferentes a permanência e continuidade desses valores, na obra do Pavilhão, ratifica a tese de perenidade desses valores.

Para entender o “parentesco” entre a arquitetura modernista do Pavilhão e a arquitetura tradicional/colonial realizada no Nordeste brasileiro não se deve examiná-lo apenas pela adequação pragmática às condicionantes do clima tropical. Mas também nas expressões comuns de uma certa simplicidade e uma certa austeridade pragmática, expressas na atenção à dimensão construtiva da arquitetura, como nas superfícies brancas despidas de qualquer ornamentação figurativa.





FIGURA 5: Hall de entrada do Pavilhão e escada do Imoble 24, Le Corbusier (fotos do autor)

Deve-se considerar não apenas a possibilidade bastante provável de influências diretas (que essa arquitetura tradicional pode ter tido sobre a obra dos modernistas locais), mas também as influências “indiretas”, ocorridas através do próprio Movimento Modernista que, como se sabe foi marcado pelo interesse por arquiteturas vernaculares (particularmente a arquitetura mediterrânea europeia e a do norte da África).

Influências “indiretas” que não restringiram-se apenas por fomentar no grupo de Nunes a valorização dessa dimensão social e antropológica da arquitetura com o reconhecimento do vernáculo local. Mas é através dessas influências que a obra do Pavilhão também incorpora uma tradição clássica presente na própria arquitetura moderna, em trabalhos de arquitetos como Le Corbusier ou Mies.

Alguns elementos presentes na obra do Pavilhão evidenciam essa sua ‘tradição clássica’, como por exemplo: a adoção da modulação longitudinal da planta, organizada em acordo com o esquema A/B/A em acordo com a tradição Beaux-Arts; a organização planimétrica do edifício e sua volumetria caracterizam-se pela frontalidade, consonância e simetria, também em acordo com a tradição Beaux-Arts; tripartição vertical segundo o esquema ‘BASE/CORPO/COROAMENTO’; tratamento das empenas laterais cegas em rusticação vestigial e o uso da Modinatura.

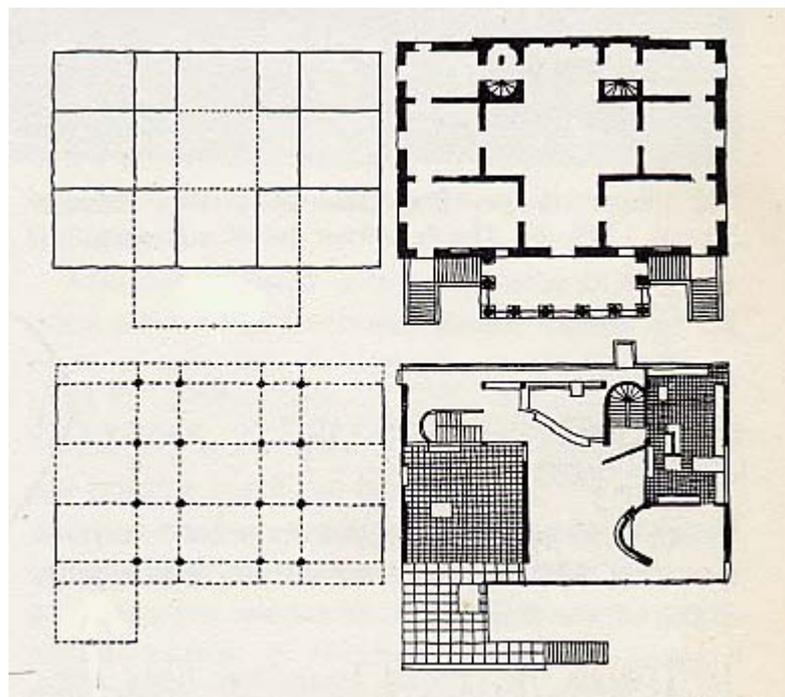


FIGURA 6: Villa Malcontenta de Palladio e Villa Savoie de Le Corbusier. Análise de esquema de Plantas feito por Colin Rowe.

Portanto fica claro que o projeto do edifício do Pavilhão não rompe inteiramente com a tradição arquitetônica. Em sua concepção também são evidentes os componentes incorporados da tradição clássica. Essa constatação ao invés de negar a gênese corbusiana e modernista do Pavilhão, na verdade a confirma, como afirma Bruno Zevi:

"O problema fulcral da linguagem moderna consiste em superar a visão da perspectiva renascentista. A este respeito, Le Corbusier refere-se a uma linguagem clássica anterior à perspectiva, refutando o sistema Beaux-arts com o testemunho da Grécia autêntica, que desmentem clamorosamente as doutrinas acadêmicas." (ZEVI, B. A Linguagem Moderna da Arquitetura, tradução de Luís Pignatelli, Coleção Arte e Sociedade no.2, Publicações Dom Quixote, 1984, Lisboa)

Como bem frisou Zevi, Le Corbusier retomou da tradição clássica grega, elementos que o ajudaram a definir algumas diretrizes do que considerava ser uma arquitetura representativa de sua época. A utilização de esquemas pré-concebidos de modulação, a implantação isolada do edifício para permitir sua valorização plástica e volumétrica, foram elementos constituintes de uma tradição arquitetônica clássica e foram incorporados às obras do arquiteto suíço e ao seu ideário. E que, também, pioneiramente foram incorporados ao projeto do Pavilhão de Verificação de Óbitos do Recife.

Conclusão

A experiência de restauro do Pavilhão de Óbitos do Recife, somada aos trabalhos que até agora debruçaram-se sobre a experiência da Diretoria de Arquitetura e Urbanismo, liderada por Luís Nunes, permite lançar outras considerações sobre essa experiência e sobre a própria obra. Em particular a ênfase a dialética entre tradição/continuidade e modernismo/ruptura na experiência do DAU e no projeto do Pavilhão.

As relações entre a arquitetura do Pavilhão e tradições da arquitetura de modo nenhum contradizem a matriz modernista dessa obra do grupo de Nunes; mas muito pelo contrário. Os “ecos históricos” na arquitetura do pavilhão reafirmam o vínculo entre essa obra e algumas das mais significativas realizações do Movimento Moderno na arquitetura. Pioneiros na construção da linguagem moderna que incorporaram deliberadamente na elaboração de suas obras princípios derivados da história da arquitetura, de tradições arquitetônicas pré-modernistas e sobretudo a tradição clássica.

De fato, embora ainda seja comum o equívoco de considerar apenas os valores de ruptura e inovação que caracterizaram o Movimento Moderno na arquitetura, hoje está claro - demonstrado por autores como Christian Norberg-Schulz, Kenneth Frampton e Colin Rowe - que em muitas de suas mais significativas expressões a arquitetura modernista tomou a história da arquitetura como fundamento para a invenção arquitetônica e incorporou a tradição para renovar.

Notas

¹ A pesquisa que deu origem ao presente artigo foi realizada pelos arquitetos Andréa Câmara, Luciano Medina e Paulo Raposo Andrade. O projeto de restauro foi elaborado pelos arquitetos Albérico Barreto, Antônio Carlos Maia, Bruno Ferraz, Gustavo Bandeira, Luciano Medina, Paulo Raposo Andrade e Silvana Gondim.

Referências Bibliográficas

CARDOZO, Joaquim. **Dois episódios da arquitetura moderna brasileira**. In ‘Arquitetura Revista’, nº 2, v. 2. Rio de Janeiro: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, 1985.

BALTAR, Antonio Bezerra. **Episódio Pioneiro da Arquitetura Moderna em Pernambuco**. In ‘Arquitetura Revista do IAB, nº 13, 1963.

GOODWIN, Philip L. **Brazil Builds –Architecture New and Old 1652-1942**. New York: The Museum of Modern Art, 1943.

ALCÂNTARA, Antonio Pedro de. **Luis Nunes – uma arquitetura a serviço da sociedade**. In ‘Arquitetura Revista’, nº 2, v. 2. Rio de Janeiro: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, 1985.

NASLAVSKY, Guilah. **Diretoria de Arquitetura e Urbanismo**. In ‘Jornal IAB-PE’, nº 57. Recife: Instituto de Arquitetos do Brasil Seção Pernambuco, 2003.

VAZ, Rita de Cássia Alves. **Raízes Brasileiras da Arquitetura Moderna**. In ‘AU- Arquitetura e Urbanismo’, nº 51. São Paulo: Pini, 1993.

VAZ, Rita de Cássia Alves. **Luiz Nunes: Arquitetura Moderna em Pernambuco 1934-1937**. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1989.

ARAÚJO, Roberto A. Dantas de. **Dois Questões sobre a História da Diretoria de Arquitetura e Urbanismo (DAU)**. In ‘Revista Arte e Comunicação’, dezembro 1994, volume 1, nº 2. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1994.

SANTANA, Geraldo. **Presença de Joaquim Cardozo na Arquitetura Brasileira: Episódios do Recife, Pampulha e Brasília**. In ‘Suplemento Cultural’ do Diário Oficial do estado de Pernambuco- ano XII, agosto de 1997. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1997.

MARINHO, Geraldo. **Luiz Nunes– Vanguarda na periferia**. In ‘AU- Arquitetura e Urbanismo’, nº 21. São Paulo: Pini, 1983.

DECKKER, Zilah Quezado. **Brazil Built – The Architecture of the Modern Movement in Brazil**. London: Spon Press, 2001.

ZEVI, B. **A Linguagem moderna da arquitetura**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.